

Max Araripe

Linguagem sobre
sexo no Brasil

EDITORA LUCERNA
Rio de Janeiro – 1999

SUMÁRIO

Apresentação
9

Agradecimentos
11

Introdução
13

O Chulo e o Popular
19

Um Fascínio Nacional
67

Castração e Desonra
87

O Pecado Nefando
113

A Bestialidade
137

Linguagem Sexual Culta
155

Índice Remissivo
171

APRESENTAÇÃO

Max de Alencar Araripe dá a público um trabalho instigante. Difícil abandonar a leitura uma vez começada. Cada página é uma surpresa e uma revelação. O leitor é levado a transitar por campos diversos do conhecimento, com um roteiro imprevisível. De textos literários, documentos históricos a relatos do folclore, obras científicas, passando por notícias de jornais e outros, um mundo inesperado vai sendo revelado. Max vai a fundo na busca das origens não só dos termos e expressões, mas das proibições e do preconceito. Sua motivação explícita – ‘a curiosidade (...) despertada para a linguagem, tanto a oficial quanto a popular, com que eram abordados fatos e temas do que se pode chamar sexualidade nacional’ – implica um mergulho na nossa história social, em busca do contexto em que foi gerada esta linguagem.

O tabu das janelas, por exemplo, interditadas às filhas e esposas dos patriarcas, vem ilustrada com trechos de Gil Vicente, José de Alencar, Machado de Assis, Ana Miranda, além da menção a um conto popular, recolhido por Sílvio Romero em Sergipe, em que se fala de um papagaio incumbido de impedir a chegada à janela de uma princesa cujo marido estava ausente, na guerra. Dizia a ave quando a moça tentava olhar para o lado oposto ao palácio, onde um primo mal intencionado realizava festas caríssimas: “*Oh, princesa minha senhora, como é isto, o príncipe não está em casa e a princesa quer ir à janela? Venha cá, princesa, isto é muito feio*”.

As mulheres honestas precisavam ser guardadas e resguardadas. Dá para entender o caráter pejorativo de expressões como *janeleira* no Brasil colonial, com raízes em Por-

tugal. Com o passar do tempo, a mudança na arquitetura das casas favoreceu o hábito de chegar à janela e, conseqüentemente, o abrandamento da conotação negativa. De *mulher pública* a expressão passou a significar *namoradeira*.

As referências bibliográficas são numerosas e variadas. Max vai à carta de Caminha, a obras de viajantes sobre o Brasil, às cartas do Padre Manuel da Nóbrega ao Padre Mestre Simão de Azevedo, às *Ordenações* Afonsinas, Manuelinas e Filipinas; transcreve trechos dos Livros da Visitação do Santo Ofício da Inquisição; apóia-se em vocabulários especializados e dicionários, inclusive etimológicos; discute os estudos de Rodrigo de Sá Nogueira sobre onomatopéia. Não podiam faltar referências a Gilberto Freire, Câmara Cascudo, Diégues Junior, Nina Rodrigues, Basílio de Magalhães, Arthur Ramos, Darcy Ribeiro, Roger Bastide, Gustavo Barroso, Renato Mendonça, Leonardo Mota, entre outros, citados aqui pela ordem em que as notas aparecem no texto. Enriquecem também os comentários, notícias de jornais e crônicas, programas de TV, obras de ficção e outras da atualidade. Não se pense que este apoio bibliográfico torne o texto pesado ou pretensioso. O leitor será o melhor juiz.

Segundo o próprio autor previne, a leitura de suas 'notas', como modestamente denomina as digressões em torno dos termos e temas estudados, não exige uma ordem seqüencial. De fato, embora perfeitamente articulados entre si, os capítulos têm autonomia relativa.

Não devo nem quero adiantar sobre o conteúdo do livro. Apenas direi que tudo é tratado com isenção e seriedade num estilo agradável e fluente.

Rio de Janeiro, julho de 1999
Eneida Monteiro Bomfim

INTRODUÇÃO

Lamentam etnólogos e historiadores não terem vindo puritanos. Era difícil: os puritanos não moravam em Portugal.

Jorge de Lima, em *Anchieta*

Tudo começou com a minha pretensão de haver deparado com algo de novo. A imitação na linguagem falada iria além da onomatopéia, portanto, além da imitação do som natural da coisa significada. Ocorreu-me que seria original desenvolver um estudo mostrando como até mesmo o léxico da fisiologia humana estaria bem representado na nova teoria. Pus-me a colher material que justificasse tão juvenil impulso. Antes de sequer chegar às bibliotecas, perdi as ilusões ainda nos sebos, que me permitiram conhecer os trabalhos do glotólogo Rodrigo de Sá Nogueira, em especial seus *Estudos sobre as Onomatopéias* e sua publicação posterior, *As Onomatopéias e o Problema da Origem da Linguagem*. Não se tratava de material de difícil acesso, como se vê. Era questão de pura e simples limitação cultural de quem não pertencia ao ramo e, por desconhecer o carro de bois, pretendia reinventar a roda. Já estava elaborado, e apresentado da forma que me pareceu a melhor possível, o conceito de onomatopéia como *interpretação* ampla e não apenas *imitação sonora* dos processos naturais. Não cabe aqui a reprodução dos pontos fundamentais da teoria de Sá Nogueira, até porque estas Notas – como chamo resumidamente a este

estudo que, a princípio, chegou a receber o título rebarbativo de *Notas sobre as Origens Sociais da Linguagem Sexual Brasileira* –, no seu todo, mudaram de rumo”.

Conformado, achei por bem reduzir a um capítulo, *Linguagem Sexual Culta*, com as dimensões que o pudor impõe, o que sobrou da pretensamente nova teoria. Situei por último este capítulo, onde a linguagem sexual culta é apresentada à luz de sua natureza interpretativa. Nesta abordagem, busco hierarquia e harmonia de significados entre as sílabas tônicas e átonas, mas também e principalmente procuro desenvolver o conceito de *dissimulação* que me parece inerente à linguagem com que a elite culta trata da sexualidade. Cuido, ao final das contas, de mostrar como, na linguagem sexual culta, a dissimulação se encaixa no papel de interpretar, fugindo à evidência da imitação sonora.

Sucedee, porém, que meus descaminhos levaram a outros caminhos, fazendo-me lembrar a frase do amigo fraterno, frasista vocacional, a quem dedico estas Notas: *é quando a gente se perde que a gente se encontra*. Estava eu, à época, numa fase brasileira, dedicando boa parte de minha atenção ao material que, a partir da carta de Pero Vaz de Caminha e da narrativa de Hans Staden, muito diz do Brasil dos primeiros tempos e dos primeiros brasileiros daqueles tempos. Minha curiosidade foi aos poucos despertada para a linguagem, tanto a oficial quanto a popular, com que eram abordados fatos e temas do que se pode chamar sexualidade nacional. Ocorreu-me que gostaria de conhecer a linguagem sexual do povo brasileiro a partir do contexto em que foi gerada na história social do país. E que outros também o desejassem. Lamentei e continuo a lamentar profundamente que não esteja à altura da tarefa, razão por que não a realizei, mas não resisti à tentação dos exercícios pontuais que deram neste livrete. Daí chamar resumidamente de Notas a este pequeno trabalho, que se apresenta sob a forma de mal disfarçados verbetes, o antecedente induzindo o subsequente, sobre um tema que merece tratamento estruturado e orgânico. Do modo como estão concebidas estas Notas, a leitura pode

fazer-se a partir de qualquer um dos capítulos, sem maiores prejuízos para o entendimento do todo. O trato popular e o trato culto, da forma como transparece no material examinado, bem como o sentimento pessoal do que terá sido a prevalência histórica dos temas segundo o interesse geral, ditaram a linha divisória dos capítulos.

O Chulo e o Popular, longe de qualquer tentativa de separação entre um e outro, é o reconhecimento de que ambos andam juntos e mudam de lado a cada instante. Aqui se revela com clareza o pressuposto preconceituoso na formação do chulo. Os conflitos sociais e étnicos, evidentes ou difusos, a desproteção das minorias e, talvez, alguma maldade inerente à natureza humana, são a grande fonte geradora da linguagem sexual do povo. E a história da linguagem sexual do nosso povo não foge à história do nosso povo. Aqui estão *flashes* de uma e outra história.

Um Fascínio Nacional decorre da evidente importância dos quadris femininos para o homem brasileiro. A formação histórica desses quadris e dos seus nomes usuais está aqui registrada em rápidas pinceladas.

Castração e Desonra são conceitos afins em nossa história. Como prática e paixão, aparecem com mais força no Nordeste, salvo erro de avaliação de minha parte. Pensada como mal que se pode sofrer na própria carne, a castração é quase tabu, razão por que dela pouco se fala e são poucos os nomes que se lhe dão.

O Pecado Nefando era brasileiro antes da chegada de Cabral, e recebeu contribuição prestigiosa do africano e do europeu, membros da Igreja inclusive. A Inquisição com ele muito se preocupou, até porque era interesse da Coroa o confisco dos bens dos denunciados e confessos. Os registros constantes dos processos abertos pela Visitação do Santo Ofício são preciosos não só quanto aos fatos, mas também quanto à linguagem oficial com que estes são ali tratados.

A Bestialidade é tratada numa visão mais ampla da relação entre homem e animal. Incluem-se no capítulo algu-